



Os tabus de decência *rapariga* e *prostituta*, eufemizados e disfemizados na fala cearense, a partir de dados do ALiB¹

The taboos of decency *rapariga* and *prostitute*, euphemized and disphemized in the Ceará speech, based on data from ALiB

Cassio Murílio Aves de LAVOR*^{ID}

Rakel Beserra de Macêdo VIANA**^{ID}

Aluiza Alves de ARAÚJO***^{ID}

RESUMO: Amparados nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) e nos conceitos teóricos sobre tabu, tabu linguístico e recurso linguístico (eufemístico e disfemístico), buscamos respostas para a questão 142 (a mulher que se vende para qualquer homem) presente no QSL do ALiB, em 12 cidades do Ceará. O objetivo desta pesquisa é analisar a variação entre os termos tabus *prostituta/puta* e *rapariga*, descrevendo qual dos termos concorrentes é mais frequente na amostra analisada e quais variáveis linguísticas (*recurso linguístico e nº de variantes usadas*) e extralinguísticas (*sexo, faixa etária, e localidade*) favorecem ou inibem a aplicação da regra variável, a partir dos resultados estatísticos oferecidos pelo GoldVarb X. Constatamos que a variante *prostituta/puta* é a mais frequente, com 62,5%, em comparação com *rapariga*, com 37,5%, no entanto, 91,4% dos entrevistados usam o recurso linguístico para eufemizar sua fala. Além disso, o programa não apresentou grupos de fatores favorecedores ou inibidores da regra variável.

PALAVRAS-CHAVE: Prostituta. Rapariga. Tabu linguístico. Eufemizar. Variação linguística.

ABSTRACT: Supported by the theoretical-methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008) and theoretical concepts about taboo, linguistic taboo and linguistic resource (euphemistic and dysphemistic), we seek answers to question 142 (the woman who is sold to any man) present in the ALiB QSL, in 12 cities in Ceará. The objective of this research is to analyze the variation between the taboo terms *prostituta/puta* and *rapariga*, describing which of the competing terms is more frequent in the analyzed sample and which linguistic variables (linguistic resource and number of variants used) and extralinguistic (gender, age group, and location) favor or inhibit the application of the variable rule, based on the statistical results offered by GoldVarb X. We found that the prostitute/whore variant is the most frequent, with 62.5%, compared to girl, with 37.5%, however, 91.4% of respondents use the linguistic resource to euphemize their speech. In addition, the program did not present groups of factors that favored or inhibited the variable rule.

KEYWORDS: *Prostituta. Rapariga. Linguistic Taboo. Understatement. Linguistic Variation.*

Artigo recebido em: 21.09.2022

Artigo aprovado em: 04.10.2022

¹ Esta pesquisa está vinculada ao Laboratório de Pesquisas Sociolinguísticas do Ceará (LAPESCE), coordenado pela professora Dra. Aluiza Alves de Araújo.

* Doutorando e mestre em Linguística Aplicada, PosLA/UECE. murilolavor_rh@hotmail.com

** Doutoranda e mestra em Linguística Aplicada, PosLA/UECE. rakelbeserra@gmail.com

*** Doutora pela UFC. Professora PosLA/UECE. aluiza.araujo@uece.br

1 Introdução

Portanto, ó meretriz, ouve a palavra do Senhor. Assim diz o Senhor Deus: Porquanto se derramou o teu dinheiro, e se descobriu a tua nudez nas tuas prostituições com os teus amantes, como também com todos os ídolos das tuas abominações, e do sangue de teus filhos que lhes deste [...]².

Eu tenho uma irmã, uma rapariga e uma mulher
Vou dizer agora, o esquema qual é
Minha mulher respeito, e minha irmã sou fã
Minha rapariga é tche, tche, tche, tcha, tchã,[...]³.

Rapariga não, rapariga não
Lava sua boca com água e sabão
Rapariga não, rapariga não
Não é só um corpinho bonito
Ela também tem coração [...]⁴.

Do livro do Gênesis ao cancionero popular, é possível constatar a presença de salmos, de letras e músicas fazendo referências ao comportamento das mulheres, cerceando-as e punindo-as por suas ações e escolhas. Dentro de um imaginário popular, essas mulheres são apresentadas, às vezes, como dominadoras e avassaladoras, outras vezes como subjugadas, submissas e objetificadas. Esse imaginário tangencia a mercantilização da prática sexual feminina, universo vasto e fecundo, assim como multiplica os juízos morais a despeito dessa prática. Logo, em consequência desses, proliferam-se substantivos e adjetivos que nomeiam e qualificam essas mulheres, algumas vezes cultuadas e muitas vezes perseguidas, dependendo da cultura e da época.

² Novo Testamento da Bíblia cristã, Gênesis, em Ezequiel 16:32-34.

³ Letra e música de Anderson dos Teclados e o Vei da Pisadinha. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/piseiro-do-barao/ela-e-rapariga>. Acesso em: 20 set. 2022.

⁴ Letra e Canção de João Neto e Frederico, gravado por Simone e Simária. Disponível em: <https://www.letas.mus.br/joao-neto-frederico/rapariga-nao-part-simone-e-simaria>. Acesso em: 20 set. 2022.

Assim, palavras em coocorrência, como *prostituta*, *mulher da vida*, *garota de programa*, *meretriz*, *quenga*, *concubina*, *cortesã*, *rameira*, *piranha*, *rapariga*, *puta*, entre outras, acabam referenciando mulheres que fazem sexo por dinheiro, tornando-as erotizadas e sacrílegas, e por isso devem ser evitadas, mantidas longe, ou seja, passam à condição de tabus, tanto a pessoa quanto a sua referência nominal.

Então, partindo do entendimento que existe uma covariação entre os termos tabus *rapariga*, *prostituta*, *puta*, *garota de programa*, *mulher de vida fácil*, entre outras formas variantes⁵, esta pesquisa analisa, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (WEINREINCH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), quais fatores extralinguísticos (*sexo*, *faixa etária* e *localidade*) e linguísticos (*recurso linguístico* e *Nº de variantes informadas*), favorecem o uso desses tabus linguísticos, aqui defendidos como formas variantes, na fala cearense. Além disso, esta pesquisa analisa se essa fala cearense se apresenta de forma eufemizada⁶ ou disfemizada.⁷

Logo, entendemos que este trabalho possui dois objetivos: 1) analisar se os fatores linguísticos (*recurso linguístico* e *nº de variantes informadas*) e extralinguísticos (*sexo*, *faixa etária* e *localidade*) condicionam a realização da variante *rapariga* na amostra analisada; 2) analisar se esses fatores condicionam uma fala eufemizada na comunidade estudada, em detrimento de uma fala disfemizada. Por conseguinte, a realização desta nos leva a buscarmos entendimentos sobre as variantes linguísticas selecionadas como respostas à questão 142 do QSL⁸ (Questionário Semântico Lexical),

⁵ O termo variante é usado para referir as diferentes maneiras de dizer a mesma coisa do ponto de vista da língua (LABOV, 2008).

⁶ “As concepções de eufemismo nos diferentes dicionários centram-se no objetivo da substituição de palavras, as quais poderiam tocar em algum assunto ou aspeto tabu e causar um efeito ou reação desagradáveis nos interlocutores” (XIAO, 2015, p.7).

⁷ Disfemismo: “Palavra ou expressão directa e crua, geralmente grosseira e ofensiva, usada em vez de outra simpática, neutra, directa...”, o contrário, pois, de eufemismo (XIAO, 2015, p. 8).

⁸ Esse questionário (QSL) é dividido em 14 áreas semânticas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana.

um dos questionários do ALiB⁹ (Atlas Linguístico do Brasil), em doze cidades do Estado do Ceará (Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobral e Tauá).

Dessarte, consideramos algumas questões iniciais: i) qual variante (*prostituta/puta, rapariga, outras formas*) é mais frequente na amostra analisada?; ii) a resposta à questão 142 se apresenta de maneira eufemizada ou disfemizada na fala?; iii) quais fatores extralinguísticos (*sexo, faixa etária, localidade*) e linguísticos (*recurso linguístico e nº de variantes faladas*) são relevantes para o uso do termo *rapariga* e influenciam o uso do recurso para eufemizar?

No tocante às hipóteses que norteiam esta pesquisa, defendemos que: 1) a variante *rapariga* será usada com mais frequência em detrimento da variante *prostituta/puta*¹⁰ na amostra analisada; 2) os homens vão usar com mais frequência o termo *rapariga*, enquanto as mulheres preferem usar termos disfemizados, como *prostituta* e *puta*; 3) a variável *Nº de variantes mencionadas* favorece o uso de termos eufemizados; 4) o grupo de fatores *recurso linguístico* favorece a regra variável; 5) a comunidade pesquisada vai usar de recurso linguístico para eufemizar as palavras tabus na amostra analisada; 7) as mulheres vão usar variantes disfemizadas, enquanto os homens vão usar termos eufemizados; 8) A faixa etária II vai eufemizar a palavra tabu, enquanto a faixa etária I vai disfemizar.

No tocante a uma revisão literária, encontramos alguns trabalhos sobre tabus linguísticos ou até mesmo sobre o objeto de estudo aqui tratado (MONTEIRO, 2002; ALMEIDA, 2007; ARAÚJO, 2008; VILAÇA, 2009; GUEDALHA, 2011; BENKE, 2012; SANTOS; PAIM, 2015), mas apenas um desses, Benke (2012), usa os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista, no entanto, essa pesquisa

⁹ Segundo Cardoso e Mota (2012), o ALiB “constitui-se na primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, in loco, nas diversas regiões geográficas, a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250)” (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 855).

¹⁰ É definida por Houaiss (2008) como “mesmo que prostituta”, de uso tabuístico, e também como “qualquer mulher lúbrica que se entregue à libertinagem”, de uso pejorativo.

não trabalha com os mesmos objetivos aqui empregados, então, optamos por apresentarmos uma pequena seção apenas situando esses trabalhos. Isso se justifica por concluirmos que, apesar de ser um fenômeno bastante estudado, os trabalhos localizados não contribuem para uma refutação ou confirmação dos resultados alcançados nesta pesquisa, e nem consideram o recurso linguístico usado para eufemizar os tabus, o que justifica a necessidade deste trabalho para os estudos variacionistas.

Optamos, então, por dividir esta pesquisa em uma parte introdutória, onde apresentamos os objetivos, os questionamentos, as hipóteses, e um breve resumo dos trabalhos localizados sobre o fenômeno tabu. Em seguida apresentamos uma seção, dividida em subseções, onde definimos os pressupostos teóricos. Em seguida, tratamos da metodologia aplicada, do caráter da pesquisa e algumas considerações sobre o termo *rapariga*. Continuamos com a discussão e apresentação dos resultados estatísticos em gráficos e tabelas, oferecidos pelo programa computacional utilizado, e finalizamos com nossas considerações finais.

2 Revisão bibliográfica

Para efeito de registro, esta seção traz uma breve explanação sobre os trabalhos encontrados em nossa revisão bibliográfica, como vemos a seguir.

Almeida (2007), em sua tese de doutorado, apresenta uma tipologia para os tabus linguísticos presentes no Atlas Prévio dos Falares Baiano (APFB), Atlas Linguístico de Sergipe I (ALS I), Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), Esboço para um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), amparados no QSL (Questionário Semântico-Lexical) do ALiB (2001).

Araújo (2008) estuda a suposição de que a linguagem proibida e os tabus a ela associados se dissolvem, quando adentram o ambiente digital dos *chats*. Monteiro (2002) aborda alguns aspectos da relação entre linguagem e mal-estar, enfocando,

sobretudo, o poder associativo que caracteriza o signo linguístico, demonstrando as reações de mal-estar causadas pelo uso dos tabus linguísticos.

Vilaça (2009), em sua dissertação de mestrado, analisa como os tabus linguísticos são representados nas mensagens publicitárias brasileiras. Benke (2012), em seu trabalho de mestrado, investiga, no terreno da geossociolinguística, os tabus nas capitais do Brasil. Santos e Paim (2015) utilizam o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB) (1963) e os dados do projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (1996-2014), fazendo uma análise sincrônica, em duas épocas distintas, das variantes que nomeiam a causa fisiológica na qual as mulheres em idade fértil perdem sangue todos os meses. E Guedalha (2011) estuda palavras na língua portuguesa que têm sua formação inicial a partir de tabus linguísticos.

A seguir, apresentamos os pressupostos teóricos desta pesquisa.

3 Pressupostos teóricos

Dividimos esta seção em subseções, nas quais apresentamos alguns conceitos encontrados para os temas abordados, porquanto consideramos relevante termos um aporte teórico sobre o que é um tabu e o diferenciarmos de tabu linguístico, assim como entendermos o que é o recurso linguístico ou estilístico utilizado para *eufemizar* ou *disfemizar* um termo considerado proibido ou inadequado, tampouco apresentarmos a Sociolinguística Variacionista.

3.1 O proibido: tabu/tabuísmo

Consoante a Freud, um dos primeiros a defender o termo, consideramos que o significado de “tabu” está dividido em duas direções opostas; de um lado, quer dizer “santo, consagrado”; do outro, “inquietante, perigoso, proibido, impuro” (FREUD, 1969, p. 26).

Ademais, acreditamos que esse conceito possui origens em um passado bem distante e retoma o Século XVIII, quando foi apresentado à sociedade ocidental a partir

das experiências do navegador James Cook, que percebeu a preocupação dos nativos das Ilhas Tonga acerca de situações que desafiavam o que eles consideravam sagrado-proibido, segundo Monique Augras (1989, p. 13). Entende-se que sagrado-proibido está relacionado a evocações, superstições e crenças, as quais levam a proibição, tanto de origem religiosa como socioculturais.

Freud (1969) considerava o termo tabu como a base da idolatria, e, portanto, inviolável, pois a sua violação provocaria um castigo divino, uma maldição. Ademais, o termo tabu expressaria um sentimento coletivo sobre um determinado comportamento ou assunto. Ainda, para Freud (1969),

os tabus são proibições de antiguidade primeva que foram em certa época externamente impostas a uma geração de homens primitivos; devem ter sido calcadas sobre eles, sem a menor dúvida, de forma violenta pela geração anterior. Essas proibições devem ter estado relacionadas com atividades para as quais havia forte inclinação. Devem então ter persistido de geração para geração, talvez meramente como resultado da tradição transmitida através da autoridade parental e social. (FREUD, 1969, p. 48)

Destarte, o tabu torna-se responsável por provocar sensações diversas nos indivíduos, levando-os a evitar ações, gestos ou até mesmo pronunciar palavras que os remeta. Portanto, além dos nomes, o tabu pode estar relacionado a pessoas, a objetos, a lugares e até a certos animais e doenças. Então, “cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças, a coletividade, a família ou o indivíduo” (GUÉRIOS, 1979, p. 01).

Ainda, conforme Guérios (1979), existem diferentes tipos de tabus, a saber: objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou que não se deve aproximar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; palavras-tabu, que não devem ser pronunciadas. Esta última relaciona-se diretamente com esta pesquisa, portanto, explanaremos melhor sobre essas na seção seguinte.

3.2 Palavras-tabu ou tabu linguístico

Entendemos que palavras-tabu também são compreendidas como palavrões, principalmente pelo senso comum. O certo é que se torna cada vez mais comum, nos dias atuais, o uso de itens lexicais eróticos e obscenos, independente de faixas etárias ou situações de informalidade ou formalidade, segundo Preti (1984). Consoante o autor, o uso do palavrão “virou moda em certos ambientes em que nunca fora admitido antes, graça na boca dos jovens, hábito coletivo nos campos de esporte, onde mais livremente explodem as emoções populares” (PRETI, 1984, p. 42-43). É o que podemos constatar em uma breve pesquisa pela discografia, teledramaturgia e a cinematografia, onde palavras consideradas de baixo calão, palavrões, passaram a compor músicas, falas de personagens e roteiros de filmes, provocando reações adversas na sociedade.

Os tabus linguísticos, segundo Guérios (1979), pode ser delineado como *próprio* e *impróprio*. O tabu linguístico *próprio* é a proibição de se proferir palavras às quais se atribuem poderes sobrenaturais; já o tabu linguístico *impróprio* está relacionado à proibição de pronunciar palavras e expressões grosseiras, de baixo calão, palavrões, ou seja, palavras que denotam a questão da moral ou dos sentimentos.

Posto que há duas definições para palavras tabus, é preciso, então, classificá-las. Assim, acerca dessa classificação, Ullmann (1964) estabelece que existem os tabus de superstição, voltados para a religiosidade; os de delicadeza, voltados para enfermidades e situações delicadas; de decência, voltados para imoralidade e termos pejorativos, como as variantes tratadas nesta pesquisa.

Considerando as definições e classificações dadas às palavras tabus, entendemos, então, que essas estão diretamente ligadas às questões socioculturais e que essas são constituídas no seio social, e seu espargimento ocorre como uma herança cultural que é passada de geração a geração em determinado tempo e localidade. Essa relação direta com fatores sociais nos leva a inferir que há uma relação inversamente proporcional entre o uso das palavras tabu e sua sobrevivência, a amenização ou a

morte, pois, quanto mais se usa, menos efeito provoca, assim, o uso indiscriminado acaba por minar as forças proibitivas, tornando os tabus linguísticos sem efeito ou apenas motivo de risos, como o que ocorre na discografia e no humor.

Portanto, entendemos, assim como Rodrigues (1983, p. 29), que o meio no qual estamos inseridos e as nossas “relações sociais envolvem crenças, valores e expectativas, tanto quanto interação no espaço e no tempo” (RODRIGUES, 1983, p. 29).

Além disso, a expressão ‘tabu linguístico’, um hipônimo que se descola do hiperônimo tabu, foi cunhada em 1906 por Antoine Meillet — linguista francês que devotou parte de sua trajetória acadêmica à explicitação das relações entre língua e sociedade, mesmo que de forma bem assistemática — quando propôs uma classificação para os termos lexicais que causavam repúdio ou desconforto na sociedade em Paris (GUÉRIOS, 1979, p. 5). Ademais, a linguística justifica que essas palavras, semanticamente carregadas com um estigma negativo, impõem uma proibição de nomear situações e ações que representam coisas ou pessoas marcadas negativamente.

Ainda, de acordo com Guérios (1979, p. 5), o termo tabu linguístico foi introduzido em língua portuguesa por volta de 1927, a partir do texto “o eufemismo e o disfemismo na língua e na literatura portuguesa”, de autoria do filólogo João da Silva Correia. Esse episódio nos mostra que há uma relação entre os tabus linguísticos e os termos eufemísticos e disfemísticos, matéria da próxima seção.

3.3 Eufemismo e disfemismo

Vamos começar essa subseção com uma reflexão filosófica: “poderia a língua(gem) nos machucar se não fôssemos, em algum sentido, seres languageiros, seres que necessitam da língua(gem) para ser?” (BUTLER, 1997, p. 2). A resposta, para a linguística, é: sim! As palavras nos permitem ferir e ser feridos, pois a partir dessas, os sujeitos constituem e são constituídos, e arriscamos, ainda, afirmar que nada existe fora da linguagem. Enquanto sujeitos sociais nos constituímos nas práticas discursivas,

haja vista que acordamos o que dizer, como e quando dizer, quais comportamentos são aceitos e quais devem ser inibidos. Chegamos a esse entendimento a partir dos fundamentos da teoria da enunciação, em consonância com Dessons (2006, p. 85), quando afirma que “se a linguagem implica a sociedade como ela implica o indivíduo, então ‘a linguagem ensina a própria definição do homem’”.

Logo, se as palavras ferem, elas também têm o poder de amenizar seus efeitos. Assim, entendemos os *disfemismos* e os *eufemismos*: aqueles ferem e esses amenizam. Não são só antônimas, são palavras em um jogo de linguagem usadas com propósitos pré-estabelecidos socioculturalmente, como o politicamente correto. Portanto, entendemos que refletir acerca do uso de eufemismos e disfemismos envolve uma análise sobre o que é culturalmente aceito ou não e sobre como o contexto determina os usos linguísticos.

Os termos *disfemismo* e *eufemismo* podem ser considerados figuras estilísticas. Um comporta palavras ou expressões usadas com a finalidade de agredir verbalmente o que poderia ter sido atenuado; o outro funciona como uma alternativa linguística para substituir palavras ou expressões desagradáveis. Para este estudo, consideramos, assim como Azeredo (2010), que a escolha de um termo eufemístico ou disfemístico na fala está associada a um “engajamento lexical” e a escolha de um dos termos desse fenômeno linguístico “enquadra o enunciador em um determinado contexto situacional pelas vias da linguagem” (AZEREDO, 2010, p. 500). E mais, tanto a criação como o uso de palavras eufemísticas e disfemísticas reproduzem uma reflexão do funcionamento imaginativo dos sujeitos socialmente localizados, emergindo as formas de manifestação cultural dos falantes de uma determinada língua.

O *disfemismo*, segundo Massaud (2004), no dicionário de termos literários, vem “do grego *dysphemia*, palavra de mau agouro, blasfêmia + ismo, doutrina, tendência, corrente”. “Consiste no emprego de palavras e perífrases contundentes, irritadas, violentas, pertencentes à linguagem popular, ao calão e às gírias” (MASSAUD, 2004, p. 127). Já o *eufemismo*, do grego “*eufemismos -eu*, boas; *pheme*, modo de dizer-atenuação de uma ideia por meio de boas palavras [...]”. “Atualmente, designa o conjunto de

meios linguísticos por meio dos quais mascaramos uma ideia desagradável, odiosa ou triste [...]” (MASSAUD, 2004, p. 177).

Quanto à presença desses termos nos dicionários, observamos que o termo *disfemismo* é o “uso de palavra ou expressão considerada grosseira, grotesca, nauseante ou simplesmente desagradável em lugar de outra mais branda ou neutra” (HOUAISS, 2008, p. 500) e o termo *eufemismo* é uma expressão atenuadora ou indireta de ideia desagradável, grosseira ou indecente (LUFT, 2015, p. 358).

Já o termo *disfemismo* apresenta, no Dicionário Houaiss do Português Atual, Antônio Houaiss (2009), uma definição subdividida em duas acepções mais desenvolvidas: 1. Emprego de palavra ou expressão depreciativa, ridícula, sarcástica ou chula, em lugar de outra palavra ou expressão neutra (p. ex.: ficar puto por ficar com raiva). 2. Palavra ou expressão agressiva, blasfema ou pejorativa (p. ex.: *poetastro*, *politicoide*).

Então, respaldados nas concepções apresentadas, compreendemos que as palavras proferidas com o intuito de eufemizar ou disfemizar, mesmo se contrapondo, representam uma mesma base e origem, os tabus linguísticos. Logo, um mesmo assunto delicado pode vir a provocar tanto substitutos eufemísticos como disfemísticos, a depender da intenção do locutor.

3.4 Sociolinguística variacionista

Esta pesquisa defende que há uma relação da coocorrência entre as palavras-tabu aqui estudadas e o comportamento linguístico da comunidade selecionada. Logo, faz-se mister observarmos-las sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, uma ciência surgida a partir da publicação da obra de Weinreich, Labov e Herzog (em 1968) com o propósito de descrever o uso variável da língua e os determinantes sociais e linguísticos dessa variação.

Também conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística, a Sociolinguística, na figura de William Labov, passa a investir na covariação sistemática

entre língua e sociedade, passando a considerar, então, em seus estudos sobre padrões sociolinguísticos, que a explicação da mudança linguística parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e a propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade das mudanças linguísticas (LABOV, 2008).

Ademais, essa ciência apresenta como foco de estudo as variações da língua em uso em uma comunidade de fala, que é um grupo de pessoas que compartilham normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística. Tudo isso pressupõe uma língua de caráter social, portanto, heterogênea, modelo que se contrapõe a uma teoria que investia em uma língua homogênea, defendida por Saussure e Chomsky, este gerativista e aquele estruturalista, que desconsideravam a heterogeneidade, concebendo a fala como caótica e desmotivada (FIGUEIROA, 1994, p. 77-78).

Ao investirmos em uma língua heterogênea e variável, estamos dizendo ser possível analisá-la, principalmente, se levarmos em consideração, além dos aspectos fonológicos, lexicais, semânticos e estruturais, a influência que os fatores sociais podem exercer sobre ela. Assim, é possível asseverarmos que podemos explicar sistematicamente a variação linguística, ou a covariação, formas alternativas de dizermos as mesmas coisas, porquanto essas são possuidoras de um mesmo significado referencial (LABOV, 2008, p. 78). Isso nos leva à defesa da importância de um estudo empírico da língua em uma comunidade de fala¹¹ proposto por Labov (2008, p. 259).

As pesquisas de Labov e suas concepções, a partir dos anos 60, motivaram e motivam muitas outras pesquisas de caráter variacionista em todo o mundo. Pesquisas essas que passaram a usar os pressupostos teóricos desenvolvidos por Labov para atestar que variação e mudança são fatores inerentes às línguas e, com isso, contribuem

¹¹ A comunidade de fala é tida, para a Sociolinguística Quantitativa, como o locus da análise do fenômeno linguístico. Suas fronteiras são definidas por (i) atitudes e valores sociais compartilhados pelos falantes em relação à língua e (ii) regras gramaticais compartilhadas pelo grupo (LABOV, 2008, p. 19).

de forma positiva para a construção de uma descrição mais real e fidedigna dos usos que delas fazem os falantes.

Na próxima seção, tratamos da metodologia aplicada na construção desta pesquisa.

4 Percurso metodológico

Nesta investigação sobre a concorrência entre os termos variantes aqui tratados como tabus linguísticos na fala cearense, optamos por controlar os grupos de fatores linguísticos — *recurso linguístico* e *nº de variantes faladas* —, e extralinguísticas — *sexo*, *faixa etária* e *localidade* —, que favorecem ou inibem o uso dessas palavras tabus, portanto uma variação lexical. Também investigamos a natureza da fala da comunidade pesquisada, porquanto esperamos defender se estamos diante de uma fala *eufemizada* ou *disfemizada*, a partir dos resultados estatísticos alcançados.

Logo, foi necessário planejarmos rodadas, no GoldVarb X, diferenciadas para atendermos aos objetivos desejados nesta pesquisa. Então, organizamos rodadas com dois tipos de variáveis dependentes: uma, usando as variantes *rapariga*, *prostituta/puta* e *outras formas*;¹² e outra, usando o grupo de fatores *recurso linguístico*.

Consoante à literatura vigente, defendemos as variantes *prostituta* e *puta* como termos disfemizados e as variantes *rapariga* e *outras formas* como variantes eufemizadas. Defendemos, também, que esta pesquisa, quanto a sua abordagem, é de caráter qualitativo e quantitativo; e, quanto a seu objetivo, é de caráter descritivo.

No tocante ao caráter quantitativo, definimo-lo em razão de deduzirmos que, nesse tipo de pesquisa, considera-se o que “pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 69), fato que contempla os objetivos da pesquisa.

¹² Amalgamento para galinha, rameira, quenga, fulleragem, oferecida, vagabunda, meretriz, leviana, mulher da vida, mulher de vida fácil, garota de programa e sem vergonha, todas consideradas eufemísticas, posto que as variantes prostituta e puta são consideradas disfemizadas.

Quanto ao caráter qualitativo, este foi definido porque “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007), também correspondente das expectativas desta. Já no que concerne ao caráter descritivo, entendemos que esta pesquisa “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Estabelecido o caráter e o objetivo da pesquisa, seletamos o *corpus* com o qual trabalhamos e, para isso, decidimos selecionar as respostas registradas para a questão 142 (“... +a mulher que se vende para qualquer homem?”) do Questionário Semântico Lexical (QSL) do projeto ALiB. Conseguimos, então, formar um *corpus* constituído por 48 entrevistas, 24 do sexo masculino e 24 do sexo feminino, pertencentes à faixa etária I (18 a 30 anos) e à faixa etária II (45 a 60 anos), com nível de escolaridade até a 4ª série primária, moradores de 12 localidades do estado do Ceará (Camocim, Canindé, Crateús, Crato, Fortaleza, Iguatu, Ipu, Limoeiro do Norte, Quixeramobim, Russas, Sobral e Tauá).

Selecionamos as entrevistas, ouvimo-las, registramos todas as ocorrências para o fenômeno estudado e transcrevemo-las, adotando o modelo proposto por Marcuschi (1986, p. 10-13). Assim, obtivemos um total de 93 ocorrências para a questão 142.

Por conseguinte, obtivemos amostras homogêneas e estratificadas em *sexo*, *faixa etária* e *localidade*, que compuseram o envelope das variáveis linguísticas e extralinguísticas. Quanto à variável *recurso linguístico*, decidimos que ela será definida pela primeira resposta à pergunta feita pelo pesquisador, então, mesmo que o informante tenha proferido mais de uma variante em resposta à questão 142, é a primeira resposta dada que definiu se a fala foi *eufemizada* ou *disfemizada*. Como apresentado no excerto 1, extraído de nossa amostra.

Pesquisador: ... e a mulher que se vende pra qualquer homem?

Informante: prostituta ((baixa o tom de voz))

Pesquisador: tem outro nome pra ela?

Informante: nã::' (+) hum

Pesquisador: eu conheçu' o senhor pode falá (inaudível) se conhecer((baixa o tom de voz)) (+) é ((baixa o tom de voz))

Informante: rapariga'' (rápido) né:''

Pesquisador: eh ((baixa o tom de voz))

Informante: prostituta:'' rapa:riga'' pu:ta'' ou coisa assim'' ((ri))

Pesquisador: A-aqui só tem home' pode di:zer''

Informante: ((ri)) sobre i:sso não se fala ((baixa o tom de voz)) ((ri)) ah

Pesquisador: A-desabafe:: ((ri))

Informante: ah ((ri)) (ALiB, QSL 142, INF. 03903)¹³

Como podemos perceber, o entrevistado dá uma resposta para a pergunta feita, o que poderia satisfazer o pesquisador, mas esse insiste em mais respostas, pois um dos objetivos dos pesquisadores do ALiB é obter o maior número possível de palavras que compõem o léxico da comunidade pesquisada. Isso nos levou a entender que a fala, quanto ao recurso para eufemizar ou disfemizar, foi determinada na primeira resposta, pois o informante poderia não ter conhecimento ou não fazer uso de outras formas variantes, fato que constatamos em outras entrevistas do ALiB.

Em virtude da quantidade de variantes registradas na amostra, 17 no total, (*prostituta, rapariga, puta, galinha, rameira, quenga, fulleragem, oferecida, vagabunda, meretriz, leviana, mulher de programa, garota de programa, mulher da vida, mulher fácil, sem moral e sem vergonha*) optamos por amalgamá-las. Assim, decidimos estabelecer três variantes, *rapariga, prostituta/puta* e *outras formas variantes*. A pesquisa de Benke (2012), realizada com dados do ALiB, registrou 66 formas variantes como respostas para a questão 142 nas capitais do Brasil.

¹³ Sobre as siglas aqui usadas: ALiB é o banco de dados; QSL, o tipo de registro da fala; INF, é o informante cuja fala foi transcrita; N^o, é a numeração da entrevista, onde o primeiro número, 03, é a localidade e o 903 o número do entrevistado, nesse caso homem da faixa etária II.

Após formarmos um envelope de variação e codificarmos todas as ocorrências, usando a variante *rapariga* como regra variável,¹⁴ submetemo-las ao programa computacional GoldVarb X¹⁵ (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) que nos oferece resultados estatísticos sobre a frequência de uso de cada variante e o Peso Relativo¹⁶ dos fatores selecionados como relevante na aplicação da regra. Esse peso de um fator nos “indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada”, conforme Guy e Zilles (2007, p. 239).

Optamos por iniciarmos com rodadas ternárias, *rapariga*, *puta/prostitua* e outras formas variantes¹⁷, usando a variante *rapariga* como valor de aplicação, assim obtivemos uma quantidade total das variantes usadas na comunidade. Em seguida, fizemos rodadas binárias, uma com as variantes *rapariga* e *prostituta/puta* e outra com o grupo de fatores *recurso linguístico* na condição de variável dependente, usando o fator *eufemizar* como valor de aplicação da regra variável.

Os resultados estatísticos, como a frequência de uso e Peso Relativo, foram apresentados em gráficos e tabelas e analisados à luz dos conhecimentos oferecidos pela Sociolinguística Variacionista, que possibilitou uma discussão sobre o tema tabu linguístico. A seguir, apresentamos e discutimos os resultados oferecidos pelo programa computacional.

¹⁴ Em uma análise feita pelo programa Varbrul, “o pesquisador deve escolher qual das variantes será tratada como aplicação da regra e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante” (GUY; ZILLES, 2007, p. 229).

¹⁵ GoldVarb é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul - do inglês *Variable Rules Analysis*, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY; ZILLES, 2007, p. 105). Mais informações sobre o GoldVarb em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 12 abr. 2021.

¹⁶ Peso Relativo das variáveis, em que $PR < 0,5$; $PR = 0,5$ e $PR > 0,5$ indicam, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de um fator postulado em uma determinada variável sobre a variante escolhida como aplicação da regra, ou seja, acima de 0,50 é considerado favorecedor e abaixo de 0,50 é desfavorecedor, já quando for exatamente 0,50 é considerado neutro (GUY; ZILLES, 2007).

¹⁷ Amalgamento para galinha, rameira, quenga, fulleragem, oferecida, vagabunda, meretriz, leviana, mulher da vida, mulher de vida fácil, garota de programa e sem vergonha, todas consideradas eufemísticas, posto que as variantes prostituta e puta são consideradas disfemizadas.

5 Apresentação e discussão dos resultados estatísticos

Iniciamos esta seção trazendo algumas reflexões sobre os termos em concorrência, *rapariga* e *prostituta*. Evanildo Bechara define o termo eufemizado *rapariga* como uma moça, uma jovem ou adolescente (BECHARA, 2011, p. 1065), já o termo disfemizado *prostituta* é definido como aquele e aquela que se prostitui, que faz sexo por dinheiro (BECHARA, 2011, p. 1039). Para Xiao (2015), em sua dissertação de mestrado sobre *eufemismo* e *disfemismo* em português e chinês, defende que, no comércio carnal, onde as mulheres se vendem sexualmente, as palavras *prostituta* e *meretriz* são consideradas neutras, enquanto *mulher da vida* e *mulher de vida fácil* são coloquiais, sendo o termo *rapariga* o mais eufemístico. Para ele, “quase todas as palavras relacionadas com *rapariga* podem ser empregadas para exprimir atenuadamente a condição de *prostituta*, de forma eufemística e em contexto que as aclarem” (XIAO, 2015, p. 59).

Para além dos conceitos modernos, historicamente construídos, há uma evolução pós queda romana dos valores atribuídos ao comércio do sexo. A história da humanidade é perpassada pela história da prostituição, que antes era considerada de caráter sacro e divino, e depois transformada em algo moralmente repreensível e de potencial corrupção social, conforme Roberts (1992). O que visualizamos hoje é o resultado de um processo de desmoralização e estigmatização da prostituta que foi silenciada e associada a dois pecados capitais, à luxúria e à preguiça.

Além da comparação com bandidos e assassinos, como bem lembra Franganiello (2008). Assim, consolidou-se a ideia de que a prostituta não gosta de trabalhar, e essa ideia vem sendo transmitida por uma linguagem coloquial que as alcunha como “mulheres de vida fácil” (LOBO; SAMPAIO, 2016). Então, inferimos que o tabu que essa profissão carrega no presente está associado a questões religiosas, políticas e socioeconômicas, pois, conforme Sanders (2018), inclui-se questões de gênero, de orientação sexual, de raça ou cor de pele etc.

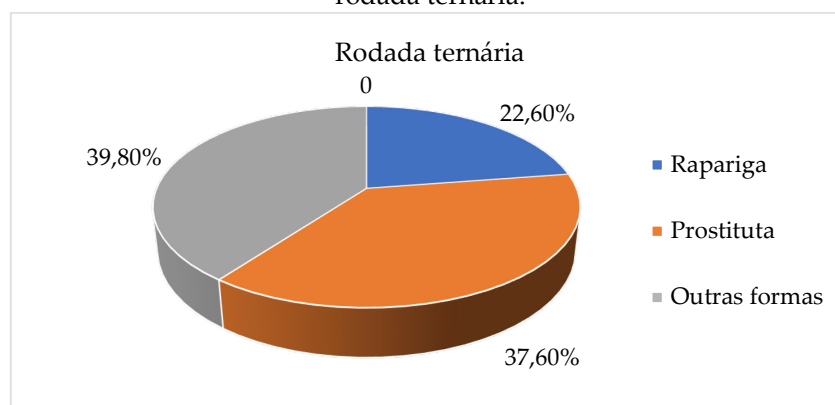
Após essa breve explanação sobre as variantes aqui tratadas, prosseguimos com os resultados.

5.1 Resultados para a questão 142: “... a mulher que se vende para qualquer homem?”

Em uma rodada ternária, *rapariga*, *prostituta/puta* e *outras formas* empregadas, usando a variante *rapariga* como valor de aplicação da regra variável, o programa GoldVarb X revelou a ocorrência de 5 nocautes¹⁸ no grupo de fatores *localidade* (1 na cidade de *Fortaleza* com zero ocorrência para a variante *prostituta/puta*; 1 em *Ipu*, com zero ocorrência para *outras formas*; 1 em *Quixeramobim*, com zero ocorrência para a variante *rapariga*; 1 em *Russas*, com zero ocorrência para *outras formas*; 1 em *Sobral*, com zero ocorrência para a variante *rapariga*).

Decidimos, então, isolarmos os fatores com nocautes e realizarmos mais uma rodada, mantendo o número total de ocorrências. Assim, em uma segunda rodada, o programa apresentou 93 ocorrências totais, 21 para a variante *rapariga*, 35 para a variante *prostituta/puta* e 37 para *outras formas* variantes, como *mulher da vida*, *garota de programa*, *mulher de vida fácil*, e etc., como apresentado no Gráfico1.

Gráfico 1 — Frequência para a questão 142 (“... a mulher que se vende para qualquer homem”) em rodada ternária.



Fonte: elaborado pelos autores.

¹⁸Nocaute ou *knockOut* é uma terminologia de análise do GoldVarb X usada em todos os programas da série Varbrul, “que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

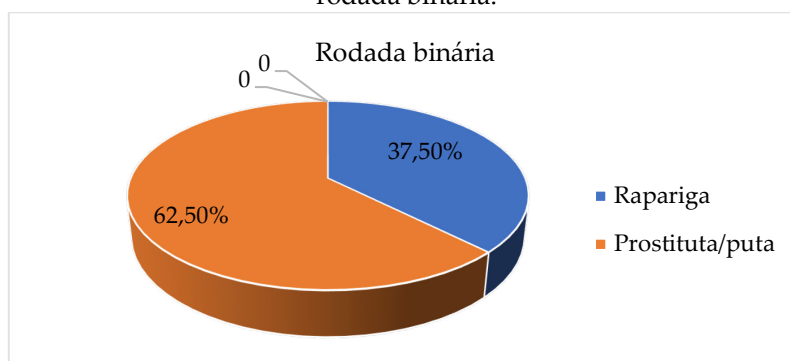
O Gráfico 1 demonstra que, na comunidade pesquisada, 37,60% usa com mais frequência a variante *prostituta/puta*, enquanto 22,60% usa a variante *rapariga*, e a maioria, 39,80%, usa *outras formas*, todas eufemizadas, para nomear a mulher que se vende para qualquer homem.

Esses números estatísticos refutam a hipótese de que “a variante *rapariga* será a mais usada em detrimento da variante *prostituta/puta*”, mas, além dessa conclusão, podemos inferir que, na amostra analisada, as formas eufemizadas são frequentemente mais proferidas ($39,80\% + 22,60\% = 62,40\%$), o que não afirma uma fala eufemizada, pois essa é definida apenas pela primeira variante utilizada, fato não comprovado só com os dados apresentados no Gráfico 1.

Após essa rodada ternária, decidimos realizar uma rodada binária, *rapariga* e *prostituta/puta*, usando a variante *rapariga* como aplicação da regra variável. Então, o programa computacional localizou 3 nocautes no grupo de fatores localidade (1 em *Fortaleza*, com 100% das ocorrências para *rapariga*; 1 em *Quixeramobim*, com 100% das ocorrências para *prostituta*; e 1 em *Sobral*, com 100% das ocorrências para *prostituta*).

Isolamos as localidades com nocautes e mantivemos as ocorrências totais, o que fez com que o GoldVarb X selecionasse 56 ocorrências totais, 21 para a forma eufemizada *rapariga* e 35 para a forma disfemizada *prostituta/puta*, como podemos constatar a partir da visualização do Gráfico 2, onde destacamos as frequências de uso das variantes aqui estudadas.

Gráfico 2 — Frequência para a questão 142 (“... a mulher que se vende para qualquer homem”) em rodada binária.



Fonte: elaborado pelos autores.

Os números estatísticos apresentados no Gráfico 2, quando consideramos apenas as ocorrências para os termos concorrentes *rapariga* e *prostituta/puta*, revelam que a grande maioria dos entrevistados, na comunidade pesquisada, usam, com mais frequência, termos disfemizados *prostituta/puta* com 62,50%, em comparação com o termo eufemizado *rapariga* com 37,50%, para responder à questão 142, no entanto isso não revela que a fala foi disfemizada. Esses resultados estatísticos refutam a hipótese de que “a variante *rapariga* será a mais usada em detrimento da variante *prostituta/puta*”.

O fato de 62,50% das pessoas pesquisadas usarem com mais frequência o termo disfemizado e estigmatizado *prostituta* ou *puta* pode refletir a construção identitária da mulher na sociedade brasileira, marcadamente machista e sexista. É preciso pontuar que a ação de trair não é uma prerrogativa apenas do sexo feminino, assim como a comercialização do sexo. No entanto, o homem que trai sua parceira ou o homem que vende seus serviços sexuais não passam por um processo discriminatório, de cerceamento ou de invisibilidade, ou seja, o sexo masculino recebe um ‘salvo conduto’ dando-lhe permissão para usar seu corpo livremente sem ser molestado pela força dos estigmas sociais.

Isso posto, retomamos aos resultados estatísticos. O programa revelou em seu melhor nível de análise, *input* 0,914 e *log-likelihood*¹⁹ -27.271, que nenhum dos grupos de fatores controlados favorecem a aplicação da regra variável. Isso não implica dizer que essa rodada não teve importância para o estudo, mas, sim, que pode existir outros grupos de fatores não controlados nesta pesquisa que possam favorecer a aplicação da regra variável, ou ainda, que os dados coletados não foram suficientes para revelar grupos de fatores relevantes para a aplicação da regra.

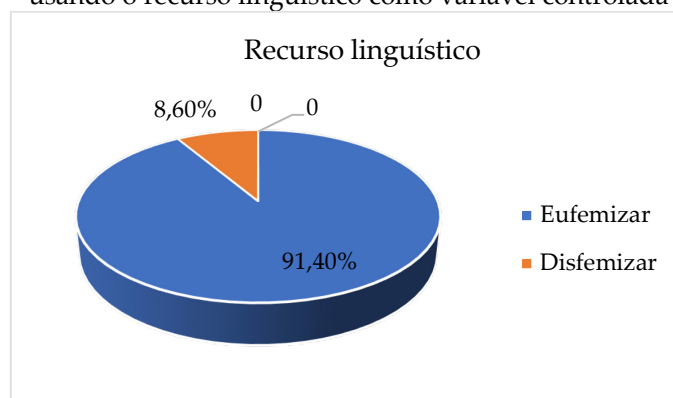
¹⁹ Log-likelihood (Logaritmo de verossimilhança) é um número calculado pela rotina do Varbrul que mede a qualidade da aproximação entre o modelo (os fatores que caracterizam os contextos, os pesos associados com os fatores, *input* e o modelo matemático logístico) e os dados observados (GUY; ZILLES, 2007, p. 238-239).

5.2 Resultados para a rodada considerando o grupo de fatores *recurso linguístico* como variável dependente

Nesta subseção, buscamos resultados para a fala *eufemizada* ou *disfemizada* na amostra analisada. Para isso, consideramos o grupo de fatores *recurso linguístico* como variável dependente, aplicando o fator *eufemizado* como regra variável. Então, em uma primeira rodada binária o programa computacional detectou a presença de 8 nocautes, 7 no grupo de fatores localidade, nas cidades de *Canindé*, *Crato*, *Iguatu*, *Quixeramobim*, *Russas* e *Tauá*, com 100% das ocorrências para o fator *eufemizar*, e 1 nocaute no grupo de fatores *Nº de variantes mencionadas*, no fator *quatro variantes* com 100% das ocorrências para o fator *eufemizar*.

Retiramos os nocautes, mas preservamos o número total de ocorrências, então, o programa GoldVarb X selecionou 93 ocorrências totais, 85 para *eufemizar* e apenas 8 para *disfemizar*, como mostra o Gráfico 3.

Gráfico 3 — Frequência para a questão 142 (“... a mulher que se vende para qualquer homem”), usando o recurso linguístico como variável controlada



Fonte: elaborado pelos autores.

Os resultados estatísticos apresentados no Gráfico 3 demonstram que 91,40% dos entrevistados usam o recurso linguístico para *eufemizar* sua fala, enquanto apenas 8,60% *disfemizam*. Esses resultados corroboram nossa hipótese de que a comunidade pesquisada vai usar de recurso linguístico para *eufemizar* as palavras tabus na amostra analisada.

Além disso, o programa demonstrou que nenhum dos grupos de fatores controlados foi selecionado como favorecedor da regra. Então, mesmo não havendo grupos que favoreçam a aplicação da regra, podemos fazer muitas inferências a partir das frequências de usos em determinados grupos de fatores, como *sexo* e *faixa etária*. Assim, decidimos apresentar, nesta pesquisa, as frequências para esses dois grupos de fatores extremamente importantes para os estudos variacionistas, como mostram as Tabelas 1 e 2.

Tabela 1 — Atuação da variável *sexo* na questão 142, na amostra analisada.

Fator	Aplica/Total	%
Masculino	42/48	87,50%
Feminino	43/45	95,60%

Fonte: elaborada pelos autores.

Os resultados estatísticos demonstram que homens e mulheres optam por uma fala eufemizada, as mulheres com 95,60% e os homens com 87,50%, o que nos permite deduzir que apenas 4,40% das mulheres usam uma fala disfemizada, enquanto 12,50% dos homens disfemizam sua fala. Benke (2012) concluiu, em sua pesquisa, “a predominância de *rapariga* no vocabulário feminino (59%), enquanto os homens documentaram o índice de 41% de produtividade, evidenciando, portanto, uma marca diasssexual” (BENKE, 2012, p. 200).

Esses resultados nos levam a inferir que as mulheres buscam usar termos menos pejorativos, pois, embora *rapariga* designe popularmente a *prostituta*, aquela representa uma forma mais eufêmica para designar a pessoa que vende seus serviços sexuais.

Ainda, de acordo com Benke (2012), a forma disfemizada *puta*, com frequência de 64%, recai sobre a fala dos homens, enquanto 36% das mulheres apresentam a incidência dessa variante. A seguir, apresentamos as frequências para a variável faixa etária.

Tabela 2 — Atuação da variável *faixa etária* na questão 142, na amostra analisada.

Fator	Aplica/Total	%
18 a 30 anos	40/46	87,00%
45 a 60 anos	45/47	95,70%

Fonte: elaborada pelos autores.

A Tabela 2 revela que as duas faixas etárias usam uma fala eufemizada, mas apresenta os entrevistados de 45 a 60 anos, 95,70%, como o grupo que mais eufemiza sua fala, em detrimento daqueles com 18 a 30 anos, que apresentam uma frequência de 87,00%. Para Benke (2012, p. 199), 68% dos entrevistados com 45 a 60 anos usam com mais frequência a forma eufemizada *rapariga*, contrapondo-se à faixa etária dos 18 aos 30 anos com uma frequência de 32%.

A seguir, apresentamos as considerações finais para esta pesquisa.

6 Considerações finais

Esta pesquisa partiu do entendimento de que há uma variação, ou concorrência, entre os tabus linguísticos usados como resposta à questão QSL 142 (“... a mulher que se vende para qualquer homem”) do ALiB. E que, além da concorrência, há um fenômeno estilístico usado para amenizar ou agravar os efeitos ocasionados por esses termos tabus na fala do cearense. Então, usando os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, juntamente com as teorias sobre tabus, tabus linguísticos e recurso linguístico, concluímos que os termos como *rapariga* e *prostituta* se fazem presentes na fala dos entrevistados com maior frequência que seus concorrentes. Além disso, a amostra analisada permite concluir que o recurso para eufemizar a fala do entrevistado foi utilizado para amenizar os efeitos do termo tabu prostituta/puta.

Os resultados estatísticos demonstraram que o termo tabu *prostituta/puta* é evitado em detrimento do termo *rapariga* e outras formas, como *mulher da vida*, *mulher de vida fácil*, *garota de programa* etc. No entanto, o termo *prostituta* é mais frequente do que o termo *rapariga*, o que indica que o falante faz uso constante de muitas outras formas para definir o fenômeno em pauta. Para o uso do recurso linguístico,

entendemos que homens e mulheres usam mais termos eufemísticos, 91,40%, mesmo não havendo variáveis selecionadas como favorecedoras da aplicação da regra.

A pesquisa possibilitou a confirmação de várias hipóteses iniciais, assim como a refutação de outras. Já no tocante à possibilidade do fenômeno variável tratar-se de um fenômeno de variação estável ou de mudança em progresso, os resultados estatísticos não nos levaram ao entendimento de Labov (1990), que diz que, em um processo de variação estável, os homens usam as formas não-padrão e, nos casos de mudança em progresso, são as mulheres a usarem com mais frequência essas formas, e de Fischer (1958) que constata que as mulheres usam mais as formas de maior prestígio social em comparação com os homens, pois concernente a tabus linguísticos não há uma descrição clara de quais formas possam ser consideradas padrão, não-padrão, de maior ou de menor prestígio, pela literatura vigente. Defendemos, então, tratar-se da concorrência e convivência pacífica das formas variáveis.

Portanto, entendemos que, mesmo esta pesquisa contribuindo com os estudos variacionistas sobre o fenômeno estudado, ela deixa espaço para estudos mais aprofundados no futuro, principalmente no que concerne às variáveis controladas, pois acreditamos que se possa ampliá-las e, com isso, obter resultados mais abrangentes.

Referências

ALiB BRASIL, Comitê Nacional do Projeto. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Comitê Nacional do Projeto ALiB. Londrina: Ed. UEL, 2001.

ALMEIDA, L. de. **À guisa de uma tipologia para os tabus linguísticos** – proposta para um glossário. 2007. 193 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, São Paulo, 2007. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-19082008-115800/publico/TESE_LAURA_DE_ALMEIDA.pdf. Acesso em: 04 de out. 2022.

ARAÚJO, J. C. Chats na web: a linguagem proibida e a queda dos tabus linguísticos. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 8, n. 2, p. 311-334, maio/ago. 2008. Acesso em: 26 abr. 2022. DOI <https://doi.org/10.1590/S1518-76322008000200006>

AUGRAS, M. **O que é tabu**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

BECHARA, E. **Dicionário da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BENKE, V. C. M. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 313 p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) — Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012. Disponível em: https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/dissertacao_benke_vanessa_tabus_linguisticos.pdf. Acesso em: 04 de out. 2022.

BUTLER, J. **Excitable speech: a politics of the performative**. Londres: Routledge, 1997.

CARDOSO, S. A. M. da S.; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, n. 56, p. 855-870, 2012. Acesso em: 19 jan. 2017. DOI <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000300006>

DESSONS, G. **Émile Benveniste: l'invention du discours**. Paris: Éditions In Press, 2006.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/language-in-society/article/abs/esther-figueroa-sociolinguistic-metattheory-language-communication-library-14-oxford-pergamon-new-york-elsevier-science-1994-pp-ix-204-hb-4900-7800/BE4DAC47894B455C7733E6795E6FFF27>. Acesso em: 26 abr. 2022.

FISCHER, J. L. Social Influences on the choice of linguistic variant. **Word**. n. 14, p. 47-56, 1958. DOI <https://doi.org/10.1080/00437956.1958.11659655>

FRANGANIELLO, A. L. S. **Profissionais do sexo e autoimagem na cidade de São Paulo**. 54 f. 2008. (Trabalho de Conclusão de Curso) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/18753>. Acesso em: 20 ago. 2022.

FREUD, S. **Totem e Tabu e Outros Trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GUEDALHA, C. A. M. Tabus linguísticos como motivação na formação de palavras no PB. **Working papers em Linguística**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 49-68, jul./dez., 2011. Acesso em: 26 abr. 2022. DOI <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2011v12n2p49>

GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus linguísticos**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1979.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

HOUAISS, A. **Escrevendo pela nova ortografia**: como usar as regras do novo acordo ortográfico da língua portuguesa. 1. ed. Rio de Janeiro: Polifolha, 2008.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. **Language Variation and Change**, v. 2, n. 2, p. 205-254, 1990. Acesso em: 29 ago. 2022. DOI <https://doi.org/10.1017/S0954394500000338>

LOBO, B. N. L.; SAMPAIO, J. A. L. A prostituição e a dignidade da pessoa humana: Crítica literária e musical à negação do direito fundamental ao trabalho. **Espaço Jurídico: Journal of Law**, v. 17, n. 3, p. 913-932, 2016. Acesso em: 29 ago. 2022. DOI <https://doi.org/10.18593/ejll.v17i3.10554>

LUFT, C. P. **Dicionário prático de regência verbal**. 9 ed. 9 reimp. São Paulo: Ática, 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MASSAUD, M. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. ampl. Cultrix, São Paulo, 2004.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. 4. ed. rev. e ampl. Campinas: Pontes, 2002.

PRETI, D. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz/USP, 1984.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROBERTS, N. **As prostitutas da história**. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 1992.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da Morte**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

SANDERS, T. Unpacking the process of destigmatization of sex work/ers: Response to Weitzer 'Resistance to sex work stigma'. **Sexualities**, v. 21, n. 5-6, p. 736-739. 2018. Acesso em: 29 ago. 2022. DOI <https://doi.org/10.1177/1363460716677731>

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. **Goldvarb X** - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref. Acesso em: 10 fev. 2021.

SANTOS, L. A.; PAIM, M. M. T. Menstruação na Bahia: um estudo em dois tempos distintos. **Sociodialeto**, Campo Grande, v. 6, n. 16, p. 219-260, jul. 2015. Disponível em: <https://silo.tips/download/menstruacao-na-bahia-um-estudo-em-dois-tempos-distintos-1>. Acesso em: 26 abr. 2022.

ULLMANN, S. **Semântica**: Uma introdução ao estudo do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILAÇA, M. G. da C. **Tabus linguísticos na publicidade brasileira**. 2009. 132 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7594>. Acesso em: 04 de out. 2022.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

XIAO, W. **O eufemismo e o disfemismo em português e chinês, na obra do Pe. Joaquim Gonçalves**. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) - Universidade do Minho Instituto de Letras e Ciências Humanas, Braga, Portugal, 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34271/1/Wang%20Xiao.pdf>. Acesso em: 02 maio 2022.